

**O** Édipo retorna. De várias formas, embora o conceito não constitua o foco principal de todos os artigos em que aparece e não seja este um número temático. Volta na clínica psicanalítica, com o adolescente visado para além desta, com o pensamento nietzscheano a respeito da tragédia, com a temática da renúncia, relacionada “com o nascimento do ser cultural”, com a da inveja associada à exclusão do feminino. Perseguindo este último perfil de seu aparecer, uma autora se dispõe a avançar por uma “zona escura, verdadeira encruzilhada que liga o intelectual, o feminino e o infantil”.

É possível ler-escutar, nos colaboradores, uma disposição de não se acomodar na banalização do complexo de Édipo. É possível dizer que eles apontam para um dos sentidos importantes da escrita psicanalítica, o de utilizar o potencial investigador de conceitos fundadores. Nesse caso, nada mais oportuno do que dialogar com a obra de Isaias Melsohn, *Psicanálise em nova chave*. É o que faz um artigo que também aborda seu diálogo “tensional” com os textos de Freud, não sem antes nos lembrar de que *chave*, instrumento eficaz, designa “tudo aquilo que prepara, facilita” ou dá início “a uma ques-

ção ou problema”. Oportuno também colocar em diálogo as múltiplas línguas pelas quais a psicanálise é narrada e transmitida através das gerações.

Tomando outro conceito-chave como exemplo, acompanhamos, nesta *Percurso*, o modo pelo qual a *formação de compromisso* facilita o acesso a problemáticas da adolescência contemporânea. Prepara-nos para conceber um momento em que o desejo de ser rejeitado seria tão importante quanto a necessidade de aprovação. É nele que um dos nossos autores situa o surgimento do ideal. Revendo o conceito, em 1932, Freud reafirmava ser o sonho resultado de conciliações (*Kompromissen*) entre tendências ou instâncias conflitantes. Mas, diferenciando-o dos sintomas histéricos, obsessões e delírios, por sua transitoriedade e pelo fato de ocorrer sob condições que fazem parte da vida normal.

Quanto ao analista, em que medida cabe o ideal em seu ofício? Que lugar ocupa, e que potência ainda resiste em sua ação diante das questões do violento cenário contemporâneo? Por ora, somos apenas levados a vislumbrar formas em que se moldam, uma à outra, psicanálise e contemporaneidade.